

A China no Sudão e no Egito: parceria estratégica

Autor: Arthur Chini (arthurcchini@hotmail.com)
Orientador: Prof. Dr. Paulo G. Fagundes Visentini
XXIII Salão de Iniciação Científica - UFRGS



Introdução:

Os impactos da ascensão da China para o posto de segunda maior economia mundial são sentidos em todo o globo, mas especialmente em regiões que se colocam como fornecedoras das matérias-primas e da energia que auxiliam nesse extraordinário crescimento. Nesse contexto, a África ganha relevância por já ter um comércio bilateral com a China estimado em 100 bilhões de dólares, e baseado principalmente na importação chinesa de petróleo e minérios. Além disso, a China busca uma aproximação política e diplomática com os países africanos, visando obter o seu apoio em temas sensíveis, como direitos humanos, nas discussões em organismos internacionais.

Objetivos:

A pesquisa tem o intuito de buscar uma melhor compreensão acerca da presença chinesa no norte africano segundo a divisão da ONU, abordando mais especificamente os casos do Egito e do Sudão, pois cada um deles representa um padrão da inserção chinesa que se aplica à maioria dos outros países, afora as especificidades de cada caso. Além disso, se busca compreender como a China vem atuando para garantir seus interesses nessa região, e qual é o padrão das relações diplomáticas e comerciais que foi desenvolvido entre ela e os dois países escolhidos.

Metodologia:

A busca de resultados se dá através da análise do desenvolvimento histórico das relações bilaterais, desde os primeiros contatos a nível diplomático na década de 50 até meados de 2010. Serão fortemente considerados os indicadores do comércio bilateral, as pautas de exportação e importação e os canais públicos e privados que a China utiliza para gerir seus investimentos no Sudão e no Egito. A cooperação político-diplomática será estudada a partir do posicionamento chinês frente aos acontecimentos recentes no norte africano.

China - Egito:

O Egito foi um dos primeiros países africanos a estabelecer relações diplomáticas com a República Popular da China, em 30 de maio de 1956. Durante a década de 60 houve inúmeras visitas oficiais entre os dois países; em 1999, em visita de Hosni Mubarak à China, foi assinado um memorando junto do presidente chinês à época, Jiang Zeming, estabecendo uma agenda de cooperação estratégica entre os dois países, que se estende por diversas áreas. A ligação diplomática sino-árabe é fundamentada na identidade de ambos como “herdeiros de civilizações antigas”, além de carregar a retórica da cooperação sul-sul e representar para a China, de certa forma, uma porta de entrada aos países da Liga Árabe. Os dois países também se mostram fortemente empenhados numa cooperação cultural, como mostra um acordo firmado em 2010 que visa à proteção de propriedade e patrimônios culturais. O comércio bilateral sino-egípcio vêm apresentando um grande crescimento desde os acordos de 1999, numa tentativa egípcia de diminuir a dependência do comércio com os Estados Unidos. Em 2000 o comércio bilateral atingiu US\$ 830 milhões, e saltou para mais de US\$ 6,9 bilhões em 2010, quando o Egito se tornou o sexto maior parceiro comercial da China na África. Observa-se um claro déficit na balança comercial do Egito, sendo que em 2010 as exportações para a China atingiram US\$ 900 milhões, contra quase US\$ 6 bilhões em importações. O Egito exporta para a China principalmente hidrocarbonetos e minérios, além de vidro e produtos químicos, e tem importado cada vez mais eletroeletrônicos e peças para reatores nucleares. A China utiliza várias instituições para fomentar a cooperação com o Egito de uma forma direta – em 2009 o Banco de Desenvolvimento da China abriu uma sede no Cairo, com o intuito de aumentar os investimentos chineses no Egito, principalmente nos setores de infraestrutura e agricultura. Além disso, uma joint-venture sino-egípcia está construindo uma Zona Econômica na cidade de Suez, o que atrairá mais de 2 bilhões de yuans.

China - Sudão

A China iniciou suas relações diplomáticas com o Sudão no ano de 1959, entretanto os dois países se mantiveram muito afastados até que, em meados de 1990, a China precisou encontrar outras fontes de recursos energéticos para manter seus altos níveis de crescimento. As visitas de funcionários governamentais de alto-escalão começaram a aumentar, e o capital chinês passou a ser investido de forma pesada nas companhias petrolíferas que operam no Sudão. Não é apenas a sede chinesa por petróleo, porém, que caracteriza essa relação, pois a China passou a ocupar um vácuo em inúmeros setores deixado pelos países ocidentais, que foram saindo do Sudão na medida em que as condições de segurança do país começaram se deteriorar. A proximidade entre os dois países, por conseguinte, atingiu níveis elevados nos últimos anos, como comprovam os oito acordos de cooperação assinados em 2008, que garantem empréstimos ao governo sudanês e financiamento de infraestrutura.

O Sudão já chegou à posição de terceiro maior parceiro comercial da China na África, na medida em que o comércio bilateral cresceu de US\$ 800 milhões em 2000 para aproximadamente US\$ 8,5 bilhões em 2010. O padrão observado é diferente do Egito, pois o Sudão possui um superávit comercial em relação à China, apesar de a pauta produtos ser similar, pois o Sudão também importa principalmente eletroeletrônicos e peças para reatores nucleares, e exporta petróleo e óleos vegetais.

As quantias exatas de auxílio econômico que a China fornece ao Sudão são desconhecidas, porém se sabe que é fornecido ao Sudão, da mesma forma que ao Zimbábue, uma enorme quantia de auxílio financeiro sem nenhuma exigência. Outra forma utilizada pela China para investir capital no Sudão são os empréstimos dados pelo Eximbank chinês diretamente às empresas e holdings chinesas que atuam no Sudão. O Sudão foi o primeiro país a receber recursos chineses para financiar a exploração de petróleo, em 1996, numa joint-venture com a CNPC, que hoje controla a maioria dos oleodutos e detém aproximadamente 40% das ações da Greater Nile Petroleum.

A China possui uma postura cautelosa e moderada em relação ao conflito de Darfur e às acusações contra o governo de Khartoum, e procura evitar, no âmbito do Conselho de Segurança, a aprovação sanções econômicas contra o país. Em 2007, entretanto, o Presidente Hu Jintao tomou uma postura mais incisiva com al-Bashir ao sugerir que o seu governo concordasse com a intervenção da ONU em Darfur. Seguindo seu padrão de não intervir nos assuntos internos de seus parceiros comerciais, a China, frente à recente secessão do Sudão, declarou que aceita o resultado do referendo realizado no sul do país e que o povo do recém formado Sudão do Sul deve escolher sua nova via de desenvolvimento e como irá administrar seus recursos.

Conclusão:

Infere-se que, para a China, uma forte parceria com o Egito é estrategicamente relevante na medida em que o país vai aos poucos adquirindo liderança do nordeste africano, garantindo a ela, dessa forma, um fácil acesso aos países da região. Assim, para não atrapalhar o seu envolvimento com o Egito e manter boas relações econômicas, a China sempre relutou em criticar o governo autoritário de Hosni Mubarak, e durante a crise do governo do mesmo e sua posterior queda a China preferiu não intervir, advogando que o povo egípcio deveria fazer as suas escolhas.

Ao se analisar os dados de comércio e investimento, percebe-se que a presença chinesa no Sudão segue uma lógica que prioriza investimentos muito grandes num curto período de tempo, pois o governo chinês teme que, quando o país se estabilizar novamente, as empresas ocidentais possam voltar a se instalar no Sudão em detrimento da China.